



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ALEXANDRE VAZ PINTO GOMES

**EGRESSOS GUINEENSES NA UNILAB:
FATORES QUE CAUSAM O NÃO RETORNO DEPOIS DA FORMAÇÃO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

ALEXANDRE VAZ PINTO GOMES

**EGRESSOS GUINEENSES NA UNILAB:
FATORES QUE CAUSAM O NÃO RETORNO DEPOIS DA FORMAÇÃO**

Projeto de pesquisa apresentado ao Curso Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Claudilene Maria da Silva.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

ALEXANDRE VAZ PINTO GOMES

**EGRESSOS GUINEENSES NA UNILAB:
FATORES QUE CAUSAM O NÃO RETORNO DEPOIS DA FORMAÇÃO**

Projeto de pesquisa apresentado ao Curso Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 21/06/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Claudilene Maria da Silva (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. M.e Leonel Vicente Mendes

Universidade de São Paulo - USP

Prof.^a Dr.^a Maria Claudia Cardoso Ferreira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	PROBLEMA DE PESQUISA	7
3	OBJETIVOS	8
3.1	GERAL	8
3.2	ESPECÍFICOS	8
4	JUSTIFICATIVA	8
5	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
5.1	FRAGILIDADE DO SISTEMA EDUCATIVO GUINEENSE E A FUGA DOS ESTUDANTES GUINEENSES PARA O BRASIL	10
5.2	DESCONFIANÇAS SOBRE AS CAUSAS DO NÃO REGRESSO	12
6	METODOLOGIA	15
7	CRONOGRAMA	17
	REFERÊNCIAS	18

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva compreender os fatores que estão na causa do não retorno dos estudantes egressos guineenses ao país depois destes se formarem na UNILAB. Na Guiné-Bissau¹ tem sido recorrente a questão do não retorno dos estudantes guineenses ao país, após terem terminado as suas formações académicas. Desde do meu país, venho acompanhando essa situação, um fenómeno que entendo merece atenção. Uma das causas que é possível identificar é certamente a dificuldade de inserção no mercado de trabalho.

A maior parcela da população guineense, sobretudo, a camada juvenil tem enfrentado muitas dificuldades para ingressar no mercado de trabalho, pois o país carece de políticas públicas, sobretudo, concurso público que possibilite a integração dos recém formados ao mercado. Perante o exposto, considero relevante estudar este assunto e buscar observar os diversos fatores: económicos, culturais, estruturais, sociais e políticos para compreender o referido fenómeno.

O discurso de que os jovens são o futuro de qualquer nação, é quase unânime nas diversas sociedades. Pois, um dia terão que crescer e assumir a responsabilidade de proteger as famílias, a sociedade e mudar o rumo do país. Cientes de que para assumir este tal “futuro” é necessário um preparo, então é indispensável que construam um perfil de escolarização adequado passando desde frequentar o ensino médio e posteriormente ingressar no Ensino Superior. A Guiné-Bissau, a par de outros países africanos, carece do sistema educativo de qualidade, carece de universidades públicas, assim como privadas que atendam a demanda dos estudantes. Em 50 anos da independência o país tem menos de 10 universidades, mesmo somando os números das universidades particulares e públicas.

Nisso, presumo que, a precariedade no sistema do ensino guineense é falta de políticas públicas do Estado com o sistema educativo. São uma das causas que motivam com que quase todos os estudantes guineenses que terminam o ensino médio no país tentem concorrer para uma bolsa de estudos no exterior. Destaco que, o fato de ter uma formação académica no exterior concede a pessoa certos benefícios e vantagens no mercado do trabalho guineense, na ocupação de vagas públicas e em instituições privadas.

¹ A Guiné-Bissau está situada na costa ocidental da África, tem 36.125 km² e uma população de 1.6 milhões de habitantes. Tem fronteira com Senegal a norte, a leste e sudeste com a República da Guiné-Conacry e ao sul e oeste com o Oceano Atlântico. O território está dividido pela parte continental e a parte insular constituído por cerca de 40 ilhas, ainda com vários rios, dentre os principais são: rio Cacheu, Buba, Geba, Mansoa, Corubal (SEMEDO, *Apud* , SANI, 2013.p.21).

Outrossim, o que tem ocorrido, é que entre os estudantes guineenses que deixam o país para ingressar no Ensino Superior no exterior, especificamente na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), poucos tem optado por retornar ao país logo após a conclusão de seus estudos superiores. Os poucos que retornam ainda enfrentam o desafio de ingressar na função pública guineense, devido às barreiras e as implicações de um sistema vicioso, que várias vezes preferem empregar os familiares, mal-formados ou sem nenhum grau de formação, em detrimento dos formados.

Por exemplo, quem é guineense, alguma vez já escutou uma frase do tipo "*nha família i ka djintis di kosta largu*" (minha família não faz parte do sistema) ou a frase "*bu sibi ami i fidju di kin?*" que significa "você sabe quem sou eu?". Estas duas frases são bem conhecidas e muito explícitas para espelhar o ciclo vicioso que barra os recém-formados/as de entrarem na função pública guineense e isso nos faz pensar de quais formas estas frases impactam em várias esferas guineenses, mas sobretudo no não retorno de alguns estudantes guineenses que se formam na UNILAB. Boa parte destes estudantes, ao saírem do país almejam voltar, mas ao chegar no Brasil, poucos retornam ao país de origem depois da colação do grau da formação no Ensino superior.

Também dentro do contexto guineense é muito comum escutar um indivíduo afirmar "*si mbai nka na riba li mas dê, kila só si pa bin djubi famílias nriba mas*" em português significa "se eu sair daqui nunca mais voltarei a viver aqui se não para visitar uns parentes", inclusive os pais aconselham os seus filhos e eu sou um exemplo disso, "*studa la fora si manera tem tarbadja bu ba ta djudan son, pabia tarbadju ka tem li, ke ku na bin busca li?*" em português "estude fora e caso consiga o emprego, trabalhe lá mesmo e o que me importa é que você me ajude só com alguma coisa, não venha para cá, pois não conseguirá o emprego, o que virá fazer cá?"

Na condição de estudante da UNILAB/ no Campus dos Malês, desejo investigar a dinâmica de formação e retorno/ou não retorno ao país dos estudantes guineenses, especificamente, desse Campus.

Margarida Bendo (2016), citando Langa (2012) afirma que o Brasil é um país com um grupo de estudantes africano muito grande. Cerca de 20 países do continente africano enviam estudantes todos os anos. "Em 2010, haviam ingressado nas universidades federais e estaduais brasileiras, cerca de 383 estudantes africanos, na sua maioria, oriundos de Guiné-Bissau, Cabo-Verde e Angola" (BENDO, p. 28).

No que se refere a chegada desses estudantes na Unilab, no Campus dos Malês/BA, os primeiros chegaram ao município de São Francisco do Conde em Abri de 2014. São estudantes

africanos oriundos de: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, e São Tomé e Príncipe. Conforme aponta Bendo (2016), na primeira turma havia uma angolana, uma Santomense, um Moçambicano cinco Cabo-verdianos e por último com maior número é a Guiné-Bissau com quarenta e sete guineenses.

A chegada desses estudantes na UNILAB representa o primeiro grupo de imigrantes africanos em São Francisco do Conde que foram apenas movidos pelos estudos.

Estudar no estrangeiro para a maioria de guineenses constitui um privilégio não só quando a pessoa se encontra no país do estudo como também quando voltar para o país de origem. As frases acima citadas demonstram um pouco desse privilégio, de como estudar no exterior não tem só a ver com a formação académica de qualidade, mas também um desejo de ascensão na vida profissional e consequentemente trazer algum retorno financeiro para a sua família. Isso acaba em certa medida influenciando o dilema e a incerteza destes estudantes em escolher voltar para um país onde terá que enfrentar as implicações do sistema público guineense mesmo com seu diploma ou ficar no Brasil e tentar ingressar no mercado de trabalho ou prosseguir com sua vida académica, entrando para o mestrado e doutorado.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

Como já havia sido destacado anteriormente, a Guiné-Bissau é um país no qual ainda continua sendo evidente a falta de universidades e políticas públicas de empregabilidade, o país tem se deparado com muita debilidade em todos os setores. O sistema educacional do País está fracassando cada vez mais, sem falar de um sistema de saúde muito precário, onde as pessoas ainda morrem de malária por não terem aparelhos mais simples e um sistema de tratamento de doenças que nem são raras. Tudo isso, deve-se aos sucessivos conflitos e crises políticas desde a sua independência até dias de hoje. Levando em consideração todas essas preocupações aqui mencionadas, acredito que talvez essa situação seja vivenciada por muitos que conseguiram deixar o país, e como consequência ao longo dos anos de estudo passaram a constituir um receio para suas voltas. O presente contexto nos levou a seguinte indagação:

- ❖ Que motivos influenciam a permanência dos estudantes guineenses formados na UNILAB no Brasil, ou a procura por outro país, em vez de retornar para a Guiné-Bissau?

Partimos do pressuposto que o não regresso dos estudantes guineenses formados na UNILAB/Campus dos Malês, se deve a fraca política de empregabilidade no mercado de

trabalho, assim como a inexistência de concurso público por parte do Estado guineense, que possam absorver a mão de obra dos estudantes que regressam ao país.

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

- Compreender os fatores que causam o não retorno dos estudantes guineenses egressos da UNILAB/Campus dos Malês ao seu país de origem.

3.2 ESPECÍFICOS

- Construir o perfil dos egressos da primeira turma de formandos da Unilab/Campus dos Malês.
- Analisar oportunidades profissionais de ingresso no mercado de trabalho no exterior e no país;
- Identificar a política do Estado guineense para inserção destes estudantes no mercado do trabalho.

4 JUSTIFICATIVA

O que suscitou meu interesse neste tema é ver que a Guiné-Bissau esta numa situação de precariedade em quase todas as esferas do desenvolvimento, mesmo cheio de referências e personalidade que se destacam em outros países. Mas que não voltam para dar sua contribuição diretamente no país. Nesta senda, trago uma lista de personalidades e que são referências nos países em que vivem, como por exemplo, o médico radicado em Portugal é candidato às eleições presidenciais guineenses, em três ocasiões, João Tatis Sá, Antonieta Rosa Gomes, Joacine Katar Moreira é deputada no parlamento português, Carlos Lopes, Paulo Gomes e etc... eu poderia fazer uma lista infindável de personalidade guineense que estão brilhando fora e não podem voltar para dar contribuição no país. Então olhando a partir dessa perspectiva, a causa do não regresso dos estudantes egressos da UNILAB ao país pode ser pelos mesmos motivos ou outros.

Por isso, consideramos necessário abordar este assunto a partir dos diversos fatores: sociais, económicos, culturais e políticos que constituem. Além disso, vale frisar ainda que, este trabalho poderá possuir uma enorme relevância social, pois através dos estudos sistemáticos que serão efetuados, possibilita analisar o universo da sociedade guineense. Entender as barreiras e as implicações, sobretudo da função pública guineense e de que forma isso impacta no não regresso dos estudantes guineenses do exterior.

No que toca à relevância académica, vale salientar que, tem sido verificado poucas produções científicas sobre a temática em discussão. Sendo assim, esta pesquisa poderá colmatar essas lacunas e os dados aqui levantados servirão de cunho teórico para as pesquisas que serão feitas posteriormente tanto na Guiné-Bissau, assim como na UNILAB. Além disso, esse trabalho é extremamente importante não só para comunidade Unilabiana em geral ou estudantes formandos aqui no Brasil, mas sim para diversos estudantes do país formados e se formando no estrangeiro.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para nossas análises utilizaremos como base, a dissertação do Antônio Gislailson da Silva intitulada “Trajetória de estudantes guineenses no Brasil: do processo de integração ao retorno/regresso” (2016), que analisa os processos de integração de estudantes de Ensino Superior, oriundos da República de Guiné-Bissau, no ambiente de chegada - o Estado do Ceará, Brasil, mais especificamente no campo da UNILAB - e de retorno ao seu espaço de origem. As análises partilham dados de estudos bibliográficos, relatos e entrevistas com estudantes guineenses, residentes no Brasil, e também com os já retornados para Guiné- Bissau.

E ainda também usaremos como apoio na construção da nossa pesquisa, a dissertação do professor doutor Ismael Tcham no seu escrito “A África fora de casa: sociabilidade, trânsito e conexões entre estudantes africanos no Brasil”, a obra vai me ajudar compreender as dinâmicas e os processos de sociabilidade e de reconfiguração identitária dos Estudantes oriundos dos Países Africanos Língua Portuguesa- PALOP, vinculados ao Programa Estudante convênio de graduação PEC-G, em duas Universidades Federais no Nordeste do Brasil nomeadamente na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Segundo o autor, discute desde o início da mobilidades internacional dos africanos, uma África de volta ao Brasil baseado num sentimento simbólico e a ligação histórica dos dois, experiências e contrastes fora de casa que remete aos estudantes chegam ao Brasil, a

permanência e manutenção destes, convivência e adaptação e até o que estes pensam sobre os acolhedores. Portanto, essas obras supracitadas vão me ajudar desde como se faz um caminho de vinda e até o futuro destes (estudantes) em relação, se devem voltar ou não e qual o retorno que devem dar à família e ao país.

5.1 FRAGILIDADE DO SISTEMA EDUCATIVO GUINEENSE E A FUGA DOS ESTUDANTES GUINEENSES PARA O BRASIL

A Guiné-Bissau é um dos muitos países africanos que também sofreu com o processo da colonização, neste caso portuguesa. Entre os impactos deixados pela administração portuguesa refere-se ao sistema precário de ensino. O sistema de ensino implementado pela colônia portuguesa, resumia-se somente num estudo tecnicista de menor grau, com intuito de fornecer a mão de obra para a produção dos bens e consumo nas coloniais. Não havia um estudo sistematizado para os nativos construírem uma reflexão crítica sobre o contexto em que viviam, poucas pessoas conseguiram esse acesso através dos estudos em Lisboa (antiga metrópole portuguesa), entre eles, o pai da nacionalidade guineense, Amílcar Lopes Cabral.

Como o esperado, depois da independência almejava-se a reconstrução do país que se auto erguesse e desse esperança para a sua própria população e, para tal acontecesse, a educação que para Mandela, seria a melhor arma para libertar o mundo, deveria ser a prioridade para que essa mudança de página acontecesse no país.

Antes da independência, segundo Samba Sané (2018), a promoção da educação nesse período, foi marcada, sobretudo, pelas consequências da Filosofia e a prática portuguesa em matéria de educação colonial, cujo sistema educativo era marcadamente elitista e seletivo, servido por um quadro docente e uma rede escolar constituída em função das necessidades da colonização.

O mesmo autor que escreveu sobre os desafios da educação na Guiné-Bissau, em 2018, aponta que o sistema português de educação na Guiné-Portuguesa (antigo nome que hoje é atual república da Guiné-Bissau) limitou-se, durante muito tempo, ao que os administradores coloniais enunciavam em dezembro de 1941: “ensinar o indígena a falar português e a rezar como os portugueses”. Esse sistema de ensino colonial era caracterizado pelo contraste entre os conhecimentos, as normas e os valores da sociedade africana, é uma instituição autoritária baseada em valores europeus e católicos, uma necessidade imperiosa do serviço de expansão e consolidação da dominação, com a função de transformar as pessoas para garantir esses objetivos.

Se hoje a luta é pela emancipação do ensino guineense através da inserção dos conteúdos que perfazem a realidade do país e assim tornar os seus filhos auto suficientes, auto conhecedores dos seus passados e assim definidor com mais consciência do presente e do futuro, antes as coisas não eram assim. Pois segundo Samba Sané (2018), o ensino colonial não só era totalmente inadaptado às realidades do país, como também o contrariava e o destruía, porquanto não respondia às necessidades de desenvolvimento socioeconómico e cultural, pois estava divorciado da comunidade. Antes da colonização ter acesso à educação, significava adquirir conhecimentos e normas de comportamento como acontecia em qualquer sociedade humana.

Se o passado histórico do país é dominado pela forte escravidão e principalmente a colonização portuguesa que tem características assimilacionistas, onde a lógica perpassava no abandono da sua cultura e os seus valores como guineense para adquirir a cultura portuguesa que pregava a desvalorização de tudo que era do colonizado. Essa desvalorização pregada pelo colonizador se faz sentir até os dias atuais na referida sociedade.

A área da educação no país é muito fragilizada tanto no que tange aos conteúdos que são transmitidos na sala de aula assim como no que concerne ao próprio investimento do Estado guineense. O que pensar da educação de um país onde o ano letivo tem 10 meses, mas os alunos que estudam nas escolas públicas apenas estudam 3 meses por conta de greves causadas pelo não pagamento dos salários dos docentes? O que se pode esperar da educação quando o estudante vai para escola sem sequer tomar uma refeição? O que se pode esperar da educação de um país onde a realidade dos discentes e docentes é marcada pela desmotivação, stresse, ansiedade e até *“na estuda só pa mpanha 12 pabia es diploma nka sibi nunde ki na balin nel!”* (eu só vou tirar uma nota suficiente para eu passar de classe, pois esse diploma não me servirá para nada!)? Ou o que se espera de uma educação onde os pais só consultam médias dos filhos no final de cada semestre para culpar ou parabenizar os educando quando esses passam ou reprovam de classe?

Poderia passar eternidade questionando e levantando fatores que espelham a fragilidade da educação e o sistema educacional no país, pois o Estado que deveria ser o principal investidor na educação daquele pequeno país da África Ocidental onde se fala mais de 40 línguas étnicas e que contém uma rica diversidade cultura, prefere dizer que a prioridade é construir mais um aeroporto nacional, abandonado os fatores considerados de primeira necessidade como saúde, alimentação e educação.

Os professores das escolas públicas recebem até 18 mil Franco CFA como salário (equivalente a R\$ 152,74) o que leva a maioria do corpo discente preferir trabalhar nas escolas

privadas já que ganham por tempo trabalhado e recebem na data acordada. Por falta de investimento na educação por parte do Estado guineense, mas os professores fazem prova de “salvação” que consiste em realçar a nota dos estudantes cobrando uma quantia de até 5000 Franco CFA (R\$ 42,43), pois talvez seja a única forma que encontraram de não serem despejados por falta de pagamento do aluguer na casa onde mora.

Os alunos que estudam nas escolas públicas ficam em desvantagem em relação aos que militam nas escolas privadas, já que recebem quase todos os conteúdos e uma prova disso é que pelo menos no Campus dos Malês, a maioria dos estudantes provenientes de Guiné-Bissau estudaram ou fizeram o ensino médio nas escolas privadas e sobretudo nas escolas católicas com regime de auto-gestão (Liceu São José, Liceu João XXIII, Liceu Ermondade-Bôr, etc...).

A fragilidade da educação no país é gritante e isso é um resultado da não estabilidade política que é espalhada por tantos golpes de Estado e o não término de mandato dos Governos e Presidentes eleitos. Como disse Gusmão (2014), a geração de jovens africanos que emigram com a finalidade de estudos, em sua maioria são os primeiros e únicos membros da família que alcançam a universidade em razão das políticas vigentes e da transformação das realidades internas nos seus próprios países. Em grande medida, seus percursos e trajetórias estudantis dependem do apoio de familiares que ficam em África ou mesmo de parentes imigrados que formam uma rede para viabilizar o projeto de ascensão da família. Portanto, os estudantes guineenses hoje encontram na UNILAB como balão de oxigénio tanto para formação profissional, assim como uma possibilidade de deixar o país e respirar outros ares de esperança e melhoria financeira.

5.2 DESCONFIANÇAS SOBRE AS CAUSAS DO NÃO REGRESSO

A Guiné-Bissau é um país conhecido pela falta de universidades públicas e poucas particulares. Desse modo, os guineenses caçam alternativas para o ingresso no ensino superior no exterior. Durante a última década, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), vem sendo o destino da maioria dos estudantes guineenses que saem do país para exterior.

A instituição foi criada através da lei no 12.289, de 20 de julho de 2010, com “objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, especialmente os países africanos, bem

como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional (BRASIL, 2010).

A universidade é composta por três campi, distribuídos nos estados do Ceará e Bahia, possibilitando a vinda e o ingresso de africanos e brasileiros no ensino superior. No Ceará os Campi estão implantados nos municípios de Redenção e Acarape, no Massiço do Baturité e funcionam desde 2010. No estado da Bahia o Campus dos Malês está localizado no município de São Francisco do Conde, região metropolitana de Salvador e abriu as suas portas em 2014.

Viajar e morar fora do seu país por motivos de estudos e emigração temporária é movida pelo objetivo de alcançar o tão desejado diploma de Ensino Superior com qualidade, mas vai também na linha de quem quer entrar no mercado de trabalho a fim de melhorar a condição de vida própria e da família.

Entretanto, migrar, sair de sua localidade é também se afastar temporariamente de suas raízes, de seus valores, de seu modo de vida. Várias discussões já foram travadas se o correto seria dizer filosofias africanas ou filosofia africana, psicologia ou psicologia africanas, (HOUNTONDI, 2016), já que a África é diversa e denominar essa diversidade como filosofia e não filosofias seria um olhar universalizante. Mas nessas discussões a única coisa em comum apesar da diversidade do continente, é o que não pode afastar o homem da sua aldeia, do seu grupo étnico ou melhor sua comunidade.

Nesta linha de pensamento, quando uma pessoa sai de casa, o que se espera é que essa pessoa retorne, mas voltar não é certeza. Inclusive, há um provérbio que diz “*nsibi só ora di bai, di nriba ki nka sibi*” (eu apenas sei quando ir o retorno ainda não), que demonstra exatamente a incerteza de não retorno. O ato de sair também é movido por algum motivo, seja ele de curta duração ou longo prazo e o retorno é visto como obrigação ao lugar de pertencimento. Entretanto, sair de Guiné e viajar para Brasil com destino à UNILAB, se encaixa naquilo que podemos chamar de migração temporária.

Segundo Martins (SASAKI & ASSIS, 2000 *apud* IMPANTA, 2015), migrar temporariamente é mais do que ir e vir - é viver em espaços geográficos diferentes, temporalidades dilaceradas pelas contradições sociais. Ser migrante temporário é viver tais contradições em duplicidade; é ser duas pessoas ao mesmo tempo, cada uma constituída de relações sociais historicamente definidas; é viver como presente e sonhar como ausente.

Se em termos demográficos - o temporário - é essencial para o estudo das migrações temporárias, em termos sociológicos o essencial é a concepção de ausência. É temporário, na verdade, aquele migrante que se considera a si mesmo ‘fora de casa’, ‘fora do lugar’ ausente, mesmo quando em termos demográficos tenha migrado definitivamente. (IMPANTA, 2015, p.)

Os estudantes que saem da Guiné-Bissau para vir para o Brasil recebem visto temporário como consta no próprio passaporte “Temporário IV” podendo ser renovado e prorrogado anualmente, bem como transformado em visto permanente.

Um ditado muito conhecido é “um bom filho à casa retorna”, prestigiando que a volta é sempre um caminho até porque o senso comum é que não há nenhum lugar melhor para uma pessoa viver fora da sua própria casa. Mas quando o próprio filho não retorna a casa causa estranhamento da vizinha e tristeza no coração dos pais e o não retorno deve ter um motivo. A proposição deste trabalho é descobrir quais são os motivos dos estudantes guineenses egressos da UNILAB.

Para um maior aprofundamento sobre a temática realizamos uma pesquisa exploratória com três estudantes egressos que retornaram para o país, com o objetivo de compreender os motivos que os fez retornar. Uma mulher e dois homens. Entre os três, apenas um estudante retornou logo após concluir a graduação os outros dois, ingressaram e concluíram o doutorado antes do retorno.

Quando perguntada/os se encontraram emprego na sua área de atuação, os dois estudantes afirmam terem conseguido empregos de imediato nas suas áreas de formação. A estudante, por sua vez, levou muito tempo para se empregar na sua arena. No que concerne aos motivos que os fizeram retornar a/os entrevistada/os afirmam que um dos primeiros motivos que lhes fizeram regressar ao país é familiar. Todavia, a estudante também destaca sua intenção de dar seu contributo para o desenvolvimento do país.

Estes dados preliminares parecem confirmar que a razão da saída da maioria para o exterior é o problema que envolve a educação, que segundo Impanta (2015) falar da educação na Guiné-Bissau, para a maioria dos guineenses, é falar de problemas que começam com a falta de salas de aulas, de professores qualificados e que terminam com uma alta taxa de repetência, de desistência. Ainda mais, falar de salários baixos e pagos com grande atraso. Assim, o que deveria ser um direito elementar, pois proporcionar o direito à educação à criança é básico, porquanto se trata de um alicerce para a participação do indivíduo no seu exercício da cidadania, passa a ser algo reservado aos que têm possibilidades económicas e uma grande batalha para os que vivem no limiar da pobreza.

Na minha experiência, quando estávamos ainda no processo preparatório das documentações as opiniões se dividiam entre os amigos que já diziam que não retornariam porque o país não dá oportunidade de empregos. Entendiam que por estarem estudando fora do país, o diploma deles iriam se valorizar. Por outro lado, ficar no Brasil com certeza daria a eles salários volumosos que talvez se voltassem não ganhariam.

Ainda para Impanta (2015), a formação dos alunos é talhada pelas realidades e necessidades locais, não obedecendo, exclusivamente, à especificidade da realidade brasileira. Acredita-se que a UNILAB ajudará a evitar, por conseguinte, o *brain drain* (fuga de cérebros). O brain drain, ou fuga de cérebro, é uma das diversas formas de migração. Segundo Kwok e Leland (1982), o termo brain drain refere-se a profissionais qualificados que saem de seu local de origem a fim de buscar oportunidades mais promissoras em outros locais.

Se olharmos para o lado patriota, o certo é que todo e qualquer graduado ou diplomado deve voltar ao seu país a fim de dar contribuições, mas essa possibilidade nos direciona a fazer outra questão: será que o Estado guineense tem criado condições para que esses retornem? Tem uma política criada para acompanhamento dos egressos guineenses na UNILAB? Ou melhor, será que o Estado guineense tem interesse que estes retornem? Estas perguntas nos levam a várias hipóteses.

No plano financeiro e busca de melhores condições de vida e tendo em mente que na realidade guineense quando uma pessoa da família estiver morando fora, no senso comum é que essa pessoa já tem uma vida melhor e pensamento a filosofia Bantu, “eu sou porque tu és, ele é porque nós somos” (SANTOS, 2019) demonstra que eu só existe porque o outro existe, então se não pensar como comunidade você é capaz de ser visto como uma pessoa ingrata. Portanto, o ideal é que você fique no exterior, trabalhe e ajude mesmo de longe a sua comunidade, particularmente a sua família.

6 METODOLOGIA

Para chegar a qualquer lugar precisamos caminhar e para caminhar é necessário caminho ou caminhos para que sigamos percorrendo-os até o nosso destino. Então para chegarmos aos nossos objetivos nessa pesquisa, utilizaremos a pesquisa de tipo qualitativa. Segundo Gerrard e Silveira (2009), “ a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de uma determinada realidade social. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto de um modelo único de pesquisa para todas as ciências” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 35).

Quanto a estratégia metodológica utilizaremos a pesquisa bibliográfica, pois conforme Cervo e Barvian (1976), “a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como

parte da pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos, busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema” (CERVO; BARVIAN, 1976). Portanto, para à materialização desse trabalho utilizaremos livros, teses, artigos, dissertações, documentos que relatam sobre questões migratórias e os processos diaspóricos forçados pelo motivo de estudo. Os estudos ou documentos que forem encontrados servirão como suporte para analisar o não retorno dos egressos guineenses da UNILAB.

Levando em conta os nossos objetivos de pesquisa, percorremos um outro caminho que nos ajudará a chegar ao objetivo traçado, a pesquisa de campo que, conforme Minayo (2010), “embora hajam muitas formas e técnicas de realizar o trabalho de campo, dois são os instrumentos principais desse tipo de trabalho: a observação participante e a entrevista” (MINAYO, 2010, p.18),

Portanto, para entender o motivo do não retorno dos egressos guineenses da UNILAB, e por eu ser egresso da mesma universidade e estar presencialmente matriculado no Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades e residido em São Francisco do Conde então nosso público alvo serão egressos da UNILAB que ainda moram aqui na cidade e os outros espalhados pelo Brasil e nos outros países, que aceitem participar da pesquisa. Como procedimento metodológico, utilizaremos entrevistas semi-estruturadas. Para os que moram em São Francisco do Conde, a entrevista será presencial e para os que não moram mais na cidade a entrevista será realizada via de plataforma google meet. Caso, seja necessário também trabalharemos com formulários eletrônicos a serem respondidos por elas e eles.

Após a recolha das entrevistas analisaremos as respostas com a técnica análise de conteúdo.

7 CRONOGRAMA

ATIVIDADE	TCC I				TCC II				TCC III			
Pesquisa bibliográfica	■	■	■	■								
Sistematização do material de pesquisa					■	■	■	■				
Realização das entrevista					■	■	■	■				
Análise das informações					■	■	■	■	■	■		
Redação do TCC									■	■	■	■
Defesa do TCC												■

REFERÊNCIAS

BENDO, Margarida Duete Lourenço. **Estranhamento e convivência dos estudantes africanos em São Francisco do Conde** / Margarida Duete Lourenço Bendo. - 2016.

BRASIL. **Lei Nº12.289, de 2 de julho de 2010**. Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/L12289.htm Acesso em :19 de agosto de 2022.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora. McGraw-Hill do Brasil, Ltda.1976.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. UAB/UFRGS. Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS- Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

IMPANTA, Iadira Antonio. Estudantes Guineenses na UNILAB, Ceará, Brasil: **Coexistência, representações interétnicas e questões de gênero. Redenção**, 2015. TCC (Bacharelado em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), 2015.

KWOK, V. e LELAND, H. **An Economic Model of the Brain Drain**. The American Economic Review, **Vol. 72, nº 1, pp 91-100, 1982**.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).

SILVA, Antonio Gislailson Delfino da. **Trajetórias de estudantes guineenses no Brasil: do processo de integração ao regresso/retorno**. Redenção, 2016.

TCHAM, Ismael. **A África fora de casa: sociabilidade, trânsito e conexões entre os estudantes africanos no Brasil**. Recife, 2012. 99 folhas Dissertação (mestrado) - UFPE, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia. Recife, 2012.

GUSMÃO, Neusa Ma. Mendes de Gusmão. **Intelectuais negros: migração e formação entre conflitos e tensões. O público e o privado** - No 23 - Janeiro/Junho - 2014.
SANÉ Samba. **Os desafios da educação na Guiné-Bissau** Revista **Temas em Educação**, João Pessoa, Brasil, v. 27, n.1, p. 55-77, jan/jun 2018